



Teoria Crítica e Espiral do Silêncio: contribuições para uma formação autônoma dos indivíduos¹

Beatriz de Oliveira Silveira²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

A Teoria Crítica, apresentada pela Escola de Frankfurt no início do século XX, alerta para a influência dos meios de comunicação na forma de se produzir e consumir cultura a partir do período Pós-Revolução Industrial. A Teoria da Espiral do Silêncio, proposta por Noelle-Neumann no fim do mesmo século, chama a atenção para a onipresença desses meios, para o seu uso por meio da Opinião Pública e para a influência que são capazes de exercer no processo de formação e manifestação da opinião própria. A partir da congruência entre alguns de seus argumentos, é possível observar que as duas teorias posicionam-se contra a interferência da mídia, mantendo-se a favor da formação de indivíduos mais confiantes, críticos e autônomos.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Crítica; Escola de Frankfurt; Espiral do Silêncio; Opinião Pública; Meios de Comunicação de Massa.

TEXTO DO TRABALHO

A população mundial sofreu significativas mudanças em diferentes dimensões da vida social ao longo do tempo. Segundo Guy Rocher (1971), diante dessas transformações, podemos dividir a Sociedade em duas, chamadas Tradicional e Tecnológica, porém, em seus apontamentos, o autor considera o período em que a escrita já existe. Por esta razão, Martino (2006) acredita ser conveniente dividir a Sociedade em três períodos: Comunidade Primitiva, Sociedade Tradicional e Sociedade Complexa.

A Comunidade Primitiva foi a primeira organização social desenvolvida pelo homem. Tinha como característica o nomadismo, e seu parentesco baseava-se nos laços sanguíneos e pelo totem. Não havia mobilidade social ou especialização do trabalho, portanto, as tarefas eram divididas de acordo com idade e sexo. Faziam uso da economia de subsistência, cujas principais riquezas eram a caça e a pesca e, como não havia comércio, a produção estava condicionada ao consumo. Na Comunidade Primitiva não existia propriedade privada, tudo era dividido. Sua tecnologia era rudimentar,

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Mestranda da linha de Teorias e Tecnologias da Comunicação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, email: beatriz.silveira7@gmail.com



voltada para o artesanato. A mentalidade dos primitivos baseava-se no mito e, sua cultura, na etnia. Porém, por se tratar de uma Comunidade oral, o patrimônio cultural era reduzido. A comunicação entre seus membros acontecia pela fala e por *protomeios*.

[...] é possível constatar neste tipo de organização social alguns aparatos que designamos como *protomeios*, cuja característica principal é de poderem coordenar simultaneamente duas faculdades intrínsecas dos meios de comunicação: ou eles possuem a capacidade de armazenar as mensagens enviadas, ou possuem a capacidade de passar a mensagem com precisão. Nunca as duas ao mesmo tempo. Por exemplo: cicatrizes, rituais, tatuagens são mnemotécnicas, ou seja, apoiadores externos capazes de evocar uma associação, uma lembrança. (MARTINO, 2006)

A Sociedade Tradicional tinha como característica o sedentarismo, e seu parentesco baseava-se nos laços sanguíneos e na familiarização através do casamento. Havia pouca mobilidade social e especialização do trabalho, portanto, os ofícios eram transmitidos de pai para filho. Faziam uso de economia mercantil, baseada na agricultura e na pecuária. O comércio era pouco desenvolvido, ocorrendo, geralmente, em escala regional. O surgimento de classes sociais distingue o produtor do consumidor. O sistema político, geralmente, era a Monarquia, onde um indivíduo é soberano, legitimado pela vontade de Deus. Sua tecnologia mantém-se voltada para o artesanato, e, apesar de pouco desenvolvida, também proporciona o surgimento de pequenas fábricas. A mentalidade dos membros da Sociedade Tradicional baseava-se na racionalidade, enquanto a cultura tinha como referente as classes sociais. Com o surgimento da escrita, o patrimônio cultural foi ampliado. A comunicação entre seus membros se dava de forma oral e escrita, sendo esta última considerada um meio de comunicação que, ligado à classe superior, age indiretamente sobre a organização social.

Propriamente falando, a escrita pode ser apontada como o primeiro meio de comunicação, já que, bem entendido, a fala não é exatamente uma tecnologia e os *protomeios* ainda não desenvolveram todas as capacidades próprias de um meio de comunicação, nem tampouco conseguiram um lugar importante na estrutura social. Parece-me importante destacar este fato: a comunidade primitiva poderia muito bem prescindir dos *protomeios*, sem que houvesse modificações significativas em sua organização social, fundamentalmente ancorada na oralidade. Pois bem, é justamente isto que não acontece no caso da relação entre a escrita e a sociedade tradicional. A escrita não tem apenas um valor periférico, ou pontual, como no caso dos *protomeios*, ela compõe a estrutura social. (MARTINO, 2006)



A Mudança de Comunidade Primitiva para Sociedade Tradicional dá-se pelo desenvolvimento da agricultura e da escrita, bem como pela concentração urbana, inexistente anteriormente.

A Sociedade Complexa é caracterizada pelos grandes centros urbanos. Seu parentesco continua baseando-se nos laços sanguíneos e no casamento. A mobilidade social é crescente, pois a especialização do trabalho é intensa. A sociedade é organizada pela atividade econômica, e, a partir da produção baseada na indústria e comércio, atinge dimensão universal. As classes sociais distinguem cada vez mais o produtor do consumidor, porém, todo indivíduo passa a ser, em algum plano, consumidor. O sistema político tende para a democracia, apesar de, em alguns países, a Monarquia ainda ser vigente. A tecnologia é muito desenvolvida, voltada para grandes indústrias. A mentalidade complexa baseia-se na racionalidade, e, a cultura, no indivíduo. Com o advento da técnica, a transmissão cultural passou a ser realizada por diversos meios de comunicação, o que proporciona um agigantamento desse patrimônio. A comunicação entre seus membros se dá sob a mesma diversidade da transmissão da cultura, utilizando a imprensa, meios eletrônicos. A organização social faz uso constante dos meios de comunicação para se difundir.

Se na sociedade tradicional havia um único meio de comunicação, no sentido estrito do termo, cuja posse e uso eram exclusividade do Estado e da religião, na sociedade complexa se constata uma verdadeira explosão comunicacional: os meios não apenas se diversificam (rádio, TV, telefone...), mas também são abundantes, estando ao alcance de largas parcelas da população e a serviço do indivíduo. (MARTINO, 2006)

A mudança de Sociedade Tradicional para Sociedade Complexa deu-se, principalmente, pelo fim da transição do feudalismo para o capitalismo. O comércio já vinha se expandindo no mundo desde o século XVI e, com isso, algumas nações acumularam riquezas, que, posteriormente, foram investidas, dentre outras coisas, no desenvolvimento de tecnologias. O marco inicial da Revolução Industrial foi o surgimento das máquinas a vapor, na Inglaterra, a partir do século XVIII. As inovações tecnológicas proporcionaram rapidez à transformação da matéria-prima e um aumento da produção de bens de consumo, o que ocasionou a queda de preços e o estímulo ao consumo. A partir do século XIX, o motor à combustão e a eletricidade ampliaram o raio de ação do capitalismo.

No início do século XX, Max Horkheimer e Friedrich Pollock fundaram, em parceria com a Universidade de Frankfurt, um instituto, chamado Escola de Frankfurt,



que tinha por objetivo realizar pesquisas sociais acerca da economia capitalista, largamente difundida pela Revolução Industrial. Em 1930, Horkheimer assume a presidência e, juntamente com outros cientistas sociais, inicia uma análise do impacto gerado pelo desenvolvimento do capitalismo no século XX. O advento do nazismo levou ao fechamento do Instituto e a emigração de seus membros.

Exilados na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, Max Horkheimer, Leo Löwenthal e Theodor Adorno passaram a desenvolver uma teoria que criticava a influência dos meios de comunicação, da industrialização e do capitalismo na forma de se produzir e consumir cultura no ocidente. Segundo os autores, cabia questionar as conseqüências do desenvolvimento dos meios de produção e transmissão cultural, analisando o posicionamento da cultura como mercadoria.

A pesquisa levou Adorno e Horkheimer a criarem o conceito de Indústria Cultural, que desmistificava a idéia de que o consumo exacerbado da cultura como mercadoria nasceu espontaneamente da população e que se tratava de uma arte popular contemporânea.

Adorno e Horkheimer criaram o conceito de Indústria Cultural. Analisaram a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos de urbanismo. [...] Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho. (MATTELART, 1999, p. 78)

Ou seja, os autores criticavam a mudança na ordem da cultura, onde as manifestações populares se tornam massificadas, lembrando processos industriais, mecanizados. Através do conhecimento, o indivíduo torna-se emancipado, podendo decidir seu próprio futuro. É exatamente isso que a Indústria Cultural não permite, tornando acessíveis aos indivíduos da Sociedade de Massa apenas o que não prejudica a nova ordem econômica e social sustentada pelos donos de fábricas e indústrias. A crítica não é à tecnologia, mas à forma como esta é utilizada.

A Indústria Cultural age nas necessidades do indivíduo. A adesão acrítica dos valores apresentados pelos meios de comunicação faz com que este perca sua autonomia, tornando-se objeto da cultura criada nas linhas de produção. A



individualidade foi descaracterizada, devido ao controle psicológico exercido pela Indústria Cultural.

Para Wolf (2008), o indivíduo se adapta bem ao comodismo de não precisar pensar, pois divertir significa concordar. Ou seja, a influência da Indústria Cultural baseia-se na falta de crítica ao que foi apresentado como sendo cultura pelos meios de comunicação e no consumismo gerado pela produção em larga escala. Se a produção é grande, os bens de consumo precisam ser adquiridos, para dissociar as idéias da Indústria Cultural, desocupar os estoques e possibilitar mais produções em larga escala e, para tanto, ficam acessíveis a todas as classes sociais. É como a Lei da Oferta e da Procura, onde quanto maior for a procura pelo produto ou quanto menor for a quantidade em estoque, mais ele custa. Se, ao contrário, houver grande estoque ou baixa procura, este custará menos.

Essa produção em larga escala sofre grande crítica de Walter Benjamin e Siegfried Kracauer, pois, para eles, o consumo em massa faz com que a cultura perca suas características, especialmente a de ser formadora de opinião, e se torna propagadora de ideologias das classes dominantes. A arte possuía uma dimensão mitológica, porque estava fora do alcance da massa, e uma dimensão culta, por ser única. O acesso facilitado à cultura gerado pela Indústria cultural faz que estas dimensões se percam.

As técnicas de reprodução destacam do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que multiplicam a reprodução, substituem a existência única da obra por uma existência serial. E na medida em que essas técnicas permitem à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, elas atualizam o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam em um violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias. (BENJAMIN, 1935, *apud* RÜDIGER, 2001, p. 136)

Em outras palavras, a Indústria Cultural faz com que o que era restrito a alguns seja acessível à maioria, através da produção em larga escala. Isso gera a descaracterização da cultura, pois o que é de fácil acesso torna-se banalizado, perde o encanto, o mito, o caráter único. Essa ruptura modifica a forma como a cultura é vista e consumida, abalando as tradições, até então, estabelecidas.

Jürgen Habermas apresenta uma preocupação voltada para a esfera pública, devido ao desinteresse dos indivíduos no que diz respeito à política. A grande questão era entender o que acontece na esfera pública quando esta é colonizada pelo



consumismo. Ou seja, como se caracteriza uma sociedade em que os indivíduos estão mais propensos ao consumo do que à discussão dos interesses comuns? Para o autor, o cidadão tornou-se mero consumidor e a razão individual foi afetada pela razão do estado, propagada através do emprego dos meios de comunicação.

Em comparação com a imprensa da era liberal, os meios de comunicação de massas alcançaram, por um lado, uma extensão e uma eficácia incomparavelmente superiores e, com isso, a própria esfera pública se expandiu. Por outro lado, assim, eles também foram cada vez mais desalojados dessa esfera e reinseridos na esfera, outrora privada, do intercâmbio de mercadorias; quanto maior se tornou sua eficácia jornalístico-publicitária, tanto mais vulnerável eles se tornaram à pressão de determinados interesses privados, sejam individuais, sejam coletivos." (HABERMAS, 1962, *apud* RÜDIGER, 2001, p. 141)

A crítica da Escola de Frankfurt não se dá à popularidade da cultura de massa, mas ao histórico de submissão imposto às massas, ao fato de que as tecnologias não são empregadas para o entretenimento, mas na afirmação cada vez maior da exploração do intelecto dos indivíduos da Sociedade de Massa. Os Frankfurtianos criticam o desprezo aos elementos culturais livres e a restrição de acesso às informações causado pela ordem social, baseada no consumismo, mas também discordam da apatia dos indivíduos ao se conformarem com a realidade que lhes é imposta.

Na segunda metade do século XX, também na Alemanha, Elisabeth Noelle-Neuman chama a atenção para outro viés trazido pela Revolução Industrial: ao invés de criticar a forma de se produzir e consumir cultura na era do capitalismo, a autora volta o olhar para os meios utilizados pelos detentores do poder para atingir seus objetivos. De maneira mais específica, Noelle-Neumann chama a atenção para a influência que os meios de comunicação de massa são capazes de exercer na formação da opinião de um indivíduo, seja acerca de um assunto ou acerca de um produto.

Noelle-Neumann teve a confirmação de que esta influência ocorre ao analisar o resultado de duas pesquisas iguais, realizadas em diferentes períodos, acerca do autojulgamento do caráter dos alemães, cujos resultados mostraram que, quando o caráter alemão era apresentado de forma negativa nos meios de comunicação, também as respostas dos entrevistados era negativa.

[...] de 96% dos pesquisados que reconheciam terem os alemães boas qualidades, em julho de 1952, caíra-se para 80% em maio de 1972 [...] Noelle-Neumann buscou pesquisar então os programas televisivos deste mesmo período, e descobriu algo surpreendente: das 39 menções ao caráter alemão feitas generalizadamente nos diferentes programas,



32 eram negativas; da mesma forma, ampliando-se a pesquisa a toda a negativas e apenas 31 positivas. (HOHLFELDT, 2001, p. 221)

A autora acredita que os indivíduos também sofram influência de suas relações interpessoais na formação e manifestação de suas opiniões, e apresenta a figura do líder de opinião, que seria um influenciador, mesmo que esta influência não se dê de forma clara ou consciente. É representado por líderes de grupos sociais que possuem credibilidade por parte dos que convivem consigo e, por causa desta confiança, têm a possibilidade de fazer com que suas opiniões sejam tomadas pelos indivíduos como sendo próprias.

Noelle-Neumann apresenta ainda uma outra característica que influencia esse processo de formação de opinião: como o indivíduo acredita que os demais membros da sociedade receberão sua opinião. A Espiral do Silêncio analisa, portanto, a combinação entre informações transmitidas pelos meios de comunicação de massa, as recebidas em relações interpessoais e a percepção dos indivíduos acerca de suas próprias opiniões em face das dos demais integrantes da sociedade, como fatores intervenientes na formação e manifestação da opinião de um indivíduo.

A formação das opiniões majoritárias é resultado das relações entre os meios de comunicação de massa, a comunicação interpessoal e a percepção que cada indivíduo tem da sua própria opinião quando confrontada com a dos outros. Ou seja, a opinião é fruto de valores sociais, da informação veiculada pela comunicação social e também do que os outros pensam (SANTOS, 1992 *apud* SOUSA, 1999)

Logo, Noelle-Neumann propôs a Espiral do Silêncio como sendo um mecanismo de influência na formação, manifestação ou omissão de opiniões individuais. Para a autora, a Opinião Pública, transmitida pelos meios de comunicação de massa, é recebida como sendo a visão da maioria por serem transmitidas como tal. O indivíduo que venha a discordar não se manifesta, pois teme sofrer isolamento por parte dos demais. Assim sendo, antes de formar ou manifestar uma opinião, os membros da sociedade de massa procuram saber, além da Opinião Pública, a dos indivíduos com os quais mantém relações cotidianas. Em caso de compatibilidade de idéias, pode haver a manifestação; em caso de divergência, há maior possibilidade de ocorrer omissão.

Três pressupostos sustentam a Espiral do Silêncio: o medo do isolamento, que baseia-se no receio de que, pensando de maneira divergente, o indivíduo seja isolado, ignorado pelos demais membros da Sociedade; clima de Opinião, que resume-se na tentativa de descobrir a Opinião Pública, que é tida como opinião da maioria, antes da



formação e da manifestação da opinião própria; e, por fim, o comportamento posterior à avaliação, que trata do compartilhamento ou omissão da opinião própria.

Ao explicar o nome dado à Teoria, Noelle-Neumann resume os pressupostos da Espiral do Silêncio:

O resultado é um processo em espiral que incita os indivíduos a perceber as mudanças de opinião pública e a segui-las até que uma opinião se estabelece como atitude prevalecente, enquanto as outras opiniões são rejeitadas ou evitadas por todos, à exceção de duros de espírito. Propus o termo Espiral do Silêncio para descrever este mecanismo psicológico (NOELLE-NEUMANN, 1997 *apud* SOUSA, 1999).

Em outras palavras, os indivíduos procuram descobrir a opinião da maioria, também conhecida como Opinião Pública; a esta busca a autora atribuiu o nome de clima de opinião que, na prática, é uma sondagem. Em seguida, os indivíduos sentem medo de que, sendo contrários, sofram rejeição. E, por fim, este medo faz com que, na maioria das vezes, não manifestem seus pensamentos.

A autora não desconsidera a possibilidade de um indivíduo tomar a Opinião Pública como própria por acreditar que seja a forma correta de pensar sobre determinado assunto, mas critica a aceitação de opiniões não próprias dos indivíduos pelo medo que sentem de serem isolados pelos demais membros da sociedade.

Em breve resumo, no início do Século XX a Escola de Frankfurt critica o consumo irracional motivado e sustentado pelo capitalismo. No final deste mesmo século, a Espiral do Silêncio critica os indivíduos que, por medo, adotam opiniões veiculadas em meios de comunicação de massa como sendo próprias. Além das duas Teorias serem decorrentes dos efeitos do capitalismo e da Revolução Industrial, é possível observar outros pontos de concordância entre elas:

- Ambas acreditam que os indivíduos têm acesso a informações restritas: na Espiral do Silêncio isso acontece para que haja uma crença de que aquela é a opinião da maioria; na Teoria Crítica, para que não adquiram autonomia;
- Criticam a influência dos Meios de Comunicação de Massa: a Teoria Crítica o faz na forma em que reproduzem a cultura fabricada no Ocidente; a Espiral do Silêncio, na maneira como manipulam a formação da opinião individual;
- Apresentam conflitos vividos pelos indivíduos: a Espiral do Silêncio os expõe na dúvida sobre manifestar ou não uma opinião contrária; a Teoria Crítica, no posicionamento entre o impulso de compra e a consciência do consumismo;



- Expõem o indivíduo como objeto: na Espiral do Silêncio, ele é refém de seu próprio medo do isolamento; na Teoria Crítica, é objeto da Indústria Cultural;
- Destacam a substituição da subjetividade: na Teoria crítica a identidade que se consome não é própria do consumidor, mas produzida em larga escala; na Espiral do Silêncio a opinião manifestada nem sempre é própria, podendo o indivíduo ter sido influenciado pelos meios de comunicação de massa ou por líderes de opinião;
- Chamam a atenção para a onipresença da Mídia: a Teoria Crítica a encontra, principalmente, na Indústria Cultural; a Espiral do Silêncio a percebe na Opinião Pública;
- Criticam a alteração da individualidade e o consumo acrítico: na Teoria Crítica isso é percebido através do consumo de bens; na Espiral do Silêncio, por meio do consumo de opiniões.
- Talvez seja possível dizer, ainda, que o Líder de Opinião é comum às duas teorias: na Espiral do Silêncio ele se faz presente na construção de opiniões; na Teoria Crítica, na aquisição de produtos.

Essas semelhanças não se dão apenas porque ambas tiveram seu ponto inicial de estudo com os avanços tecnológicos proporcionados pela Revolução Industrial; tampouco por terem se desenvolvido no século XX; mas sim porque se tratam de estudos complementares. Tomando a Revolução Industrial como início, as duas teorias são vertentes do estudo das conseqüências do capitalismo e da superação tecnológica. Enquanto uma estuda o impulso, o ato, a outra analisa o pensamento, a reflexão.

Na Teoria Crítica o indivíduo desaprende a pensar, porque, na Indústria Cultural, pensamento é sinônimo de poder e independência. Na Espiral do Silêncio, por ter desaprendido a pensar, ele já não confia em si, sendo, com exceção dos duros de espírito, incapaz de formar sua opinião sem sondar a dos demais e de desafiar a maioria propondo uma idéia diferente do senso comum. É como se a Teoria Crítica nos avisasse que, no fim do século, não só o comportamento dos indivíduos seria influenciado pelo avanço tecnológico, mas também nossos pensamentos. Ou seja, do início do século XX ao final deste mesmo século, a Sociedade estaria fadada à perda da sua subjetividade.

O que se percebe, olhando de maneira menos superficial as semelhanças apresentadas entre as duas teorias, é que a Teoria Crítica e a Espiral do Silêncio



pretendem, sobretudo, alertar sobre a influência que os meios de comunicação de massa são capazes de exercer em diferentes setores da vida dos indivíduos, a fim de proporcionar-lhes a possibilidade de uma formação intelectual, cultural e, conseqüentemente, social, autônoma. Em suma, as teorias aqui apresentadas fazem uma tentativa de desvendar, no sentido de tirar a venda, os olhos daqueles que compõem a sociedade de massa, para que passem a enxergar a influência dos meios de comunicação como característica real e presente, possibilitando uma reflexão a partir de um estado terceiro de si mesmo, ou seja, olhar a influência sobre si como se esta estivesse ocorrendo com uma terceira pessoa. Olhar de fora nos faz enxergar o que a venda colocada pela influência dos meios de comunicação não nos permitiria. Por esta razão a Teoria Crítica, revela, de certa forma, que a Indústria Cultural tem feito com que os indivíduos consumam uma cultura que não é própria deles; que existe uma real necessidade da manutenção do giro de capital dentro de um país, mas que ele não precisa passar pela cultura, alertando-os para o erro de consumir uma cultura desconstruída, não oriunda das raízes históricas da população. E, na mesma via, a Espiral do Silêncio alerta para a importância de uma opinião concisa, firme a autoral acerca dos assuntos que ganham reflexão por parte dos indivíduos, para que não sejam consumidas opiniões não próprias da sociedade, o que poderia levar ao enfraquecimento do direito social de cada um, visto que, ao adotar opiniões de terceiros de forma irreflexiva, tende-se à perda da personalidade e da subjetividade.

Por isso, Teoria Crítica e Espiral do Silêncio, abordando o âmbito cultural e o social, alertam, desde o século XX, para a importância da formação e manutenção de opiniões próprias, seja acerca de que cultura consumir, seja em relação a qual idéia sustentar, contribuindo, desta forma, com a tentativa de construção de indivíduos confiantes, críticos e com pensamentos e atitudes mais autônomas.

REFERÊNCIAS

SOUSA, Rainer. Revolução Industrial. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-industrial.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

MARTINO, Luiz Cláudio. **A Revolução Mediática:** a comunicação na Era da simulação tecnológica. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n49/bienal/Mesa%202/ARevolu%E7%E3oMedi%E1tica.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2011.



MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. Indústria cultural, ideologia e poder. In: _____. _____. **História das teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 73-85.

ROCHER, Guy. **Sociedade Tradicional e Sociedade Tecnológica**. In: _____. Sociologia Geral 3. Lisboa: Editorial Presença, 1971. p.7-79.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In HOLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Hipóteses contemporâneas de Pesquisa em Comunicação**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2001. p. 131-145.

WOLF, Mauro. A teoria crítica. In: _____. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 72-93.